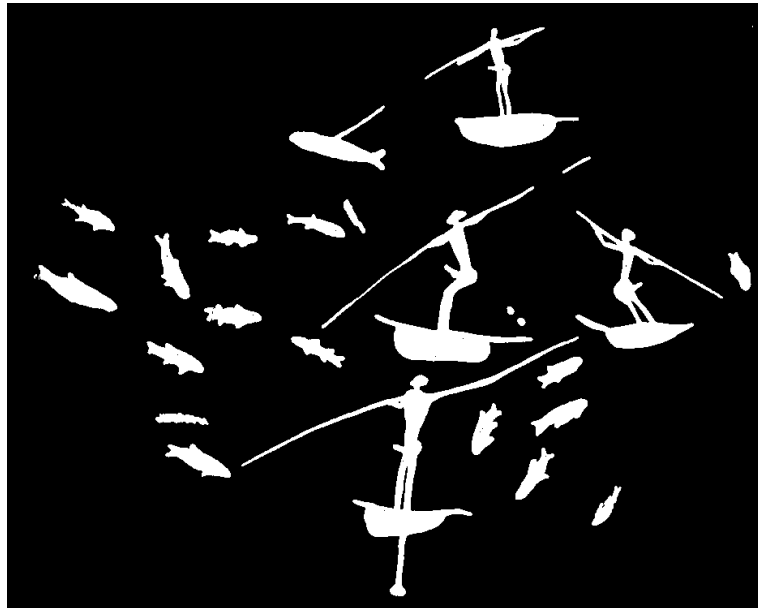


EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Poeta, ensaísta, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Os poemas a seguir foram extraídos do livro HOMELESS, Belo Horizonte: Mazza Edições/ SansChapeau, 2010.

CENA DE PESCA DE TSOELIKE



a memória é
um curso em parte
navegável

somos os
que trocaram o rumo
pela sua voragem

nossa violência
cai
na órbita de um fisgo

o mundo
barriga e ponta
alucina

(erraram os deuses
a geometria?)

na escassez de um
centro
o que prendemos
nos excede

: sua
elipse não obedece
à nossa coluna

em quatro, porém,
tiraríamos
o pêlo às baleias

não fosse a rota
em si mesma
o desvio

*

: um de nós
pende à direita
como se escolhesse
o ínfimo

: outro
acima, como
se do azul
mirasse o abismo

: ao meio
quem se equilibra
há muito é um
entre os perdidos

: sob a linha
de esqueletos
outro alarga os braços
e ancora

quatro nós em pênis
alçados
prontos (talvez)
para a inumação

*

na pedra, apesar
do cárcere
fluímos

saltamos do peixe
ao cervo para cobrir
mulher e filhos

a escassa gordura
nos força a um estilo
esguio

graças ao animal
em fuga
e ao estrago
da armadilha

no desenho
não se mede a hora
em que o barco
afunda

e a vida – em pânico
se agarra às iscas

*

em quatro somos
contra
a aflição das escamas

nesse campo
ninguém
ousa – a luta nele
travada não

faz inimigos
: os sangues
que se esbarram

chegam a tal ponto
por conhecimento
da regra

: o que à alma cabe
não perece

– de outro
modo ocupa
as escavações

: o que a alma pesca
multiplica no corpo
sua origem

*

aquele à direita
subverte a espinha
do destino

seu barco
impõe ao corpo
uma rotação
em guerra

o alvo é nada
ante sua argúcia
: o que persegue está
além do sustento?

esse nos inclina
a um norte
que não morre
na extensão da lança

seu arremesso
é um gesto de cavar
onde crescem
os tubérculos

: o que persegue
esse cujo sexo
se iguala aos pinos
do sol?

*

não vemos quem
nos espera
nem a orla
a que chamam terra

não distinguimos
durante a lida
marido
esposa filhos, forma
nenhuma que não
em vermelho

o braço tensionado
é o mesmo
que na vítima
serviu de esqueleto

o suor a carne
o que é nosso
se dilui e se recupera
no oceano

: herdeiros do bosque
protegidos
pelos mantídeos

certeiros na mira
como a ferida
que derruba
os chifres

é nas águas, todavia
que roemos
o tórax dos deuses

*

levamos os bens
e como a terra
nutrimos sua viragem

nós que entalhamos
o pote e arredondamos
os cadáveres
estamos atadas
aos flancos

onde os homens passam do lodo
à vertigem
incrustamos a pedra que os salva
do esquecimento

em caulim está pintada
a porosidade
– outro nome da pedra

nuvens ao revés
não prometem utilidade ao fogo
nem a noite
em que o arpão e a concha
enlouquecem

em caulim está pintado
o ventre
que imploramos seja acolhedor
e farto

qual dos nossos
sobressai à tempestade?
ao sangue
que rodeia a embarcação?

sorriem e gritam – ante
a fúria
de uma barbatana

: não nos dizem
que essa euforia
resvala
os cardumes da morte

sorriem ante o dedo
estirpado, não é por ele
que a testa
faz sombra no chão

: não nos dizem
sobre as moeduras
à sua volta
e a serpente azul
que não querem evitar

: nós que levamos o pote
e arredondamos os mortos
estamos atadas
pelos flancos

lá, onde há fendas
entre os ossos, quem garante
amizade aos pais
esfoladores?

nuvens não
prometem utilidade ao fogo
só a pedra
caída de assombro
nos dirige

: os homens disparam
as rédeas
e exaustos
alçam os haveres ao redor
da palavra

pretendem convencer
os umbigos
de que a fronteira
não lhes interessa

*

os deuses
não esmorecem
se um fosso
nos devora

: por que dividiriam
as vísceras
de um animal
a galope?

entretanto, são
eles por trás da lava
a nomear
o que enfrentamos

: a bexiga esculpe
a pele
e nos assola a ideia
de um acidente

a ser descoberto
depois de muitos
nascimentos
(as fraturas

riscaram no corpo
a separação e os ritos
não garantiram
seu retorno à planície)

: os arpões atingem
menos a caça, escavam
em nós
a errância

como se não fôssemos
quatro,
mas tantos
em exílio

: cada um se equilibra
para dar aos erros
um sentido
– nada nos obriga

a ficar com o deus
do limo
ou o espírito da árvore
: cada um chama

mulher e filhos
para desafiar
a outra margem
: os cadáveres dão-se

vestir como agasalhos
sua ausência
nos incita a roer desde
o pólen

antes mesmo que a
forma
se pretendesse ponta
ou círculo

: essa é a tarefa
ainda que a memória
deslize
em direções

avessas – e as águas
torturem os ossos
e nós
a nós mesmos

PORTRAIT DE FAMILLE

1

pela escarificação no rosto
cada um se dá a ler
como um jornal diário

em verdade, os textos
nessa pocilga rascunham
um lugar em trânsito

uma sílaba traindo a outra
coloca no mesmo ringue
francisco e licutã

pelejam em nome do
ab al
to
em língua selada
esfolam-se francisco e licutã

para salvar o crânio
e seus dividendos
afiam a conversa no sangue

cada um de seu canto
não mede que está no outro
talvez, por isso,

se devorem
para ler-se desde dentro

2

sob a escarificação outra
miragem
esperando a mão
tocar-lhe as vértebras

outra que não a urina
e as fezes
nem a coleira do cão – outra

que sitiando os piolhos
escala os anônimos – outra

CAMPO GRANDE

brumado

guinda careca

sapucaí cabaça
ibituruna

inficionado ambrósio

caraça

marcília isidoro

diversa de si – todo-o-avesso
revés que se serve
do zero
para informar o mundo

3

das cáries nenhuma
escreve mais
que o esquecimento

raros os fatos
que dão origem a uma
nova dor

nem o tendão
exposto da mãe, nem
o rapto, a morte – sim,

em outra língua, sobra
no inventário
de hostilidades

apesar dela o rosto
ao se desfazer
inaugura uma promessa

os mortos que foram
perdas
dobram a página para
viver nos livros

pela escarificação
das heranças
pouco se decifra, mas
uma vértebra
(o que basta)
prenuncia o corpo

PRAIA DO NÃO RETORNO

1

o cuidado de ulisses
com seu cão se explica a quem
antevê

um braço
a mais no escorpião: parentesco
que tece
a aflição da mulher

porque está ocupado, ulisses
tateia o pulso
de outro corpo “disseram

que a sombra de achiles
deteria o inimigo”

mas o bicho de
estimação já se habituara
ao zero
como destino

2

estendem a oliseo um
abismo
e em recompensa
os farelos

– há-de ser um mergulho,
insistem,
para que nenhuma
cifra o recupere

há-de ser fortuna esquecer
os músculos
e a estatura da palmeira

olisseo escreve o selo
do pai
o selo que ao pai dispersa

o *mater* selo, em
circuito fechado, nas
trevas

o zelo de olisseo contra
o selo
: à sua volta se acumulam

fendas uivos
sombras que na praia
ardem

olisseo se instrui
no pó
contra a incisão no carpo

– o *mater* selo do pai
recua
ante a fricção do mar

olisseo se lança, aporta
ao som
dos búzios

à deriva se dá, entre
signos
a que não se pode amarrar

(os signos
não plantados e que, no
entanto,

vingam em matas
livros mortos em rios
vogais)

oeco olisseo, de si
inteirado,
apruma-se salta-se elide-se

: para ser não se imprime,
olisseo,
o osso navio

olisseo carda a palavra
okoenda

sob a usura do assalto
se despe
se veste
em outra pele: cuendá
ulisses d'oro
arvorado argonauta

o eco

onde vais
where are you
où est-il

o devolve à planície
onde o leopardo não caça
por ser malhado

na linguagem quem captura

o
l
i
s
s
e
o
filho do se?